



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

IDENTIDADES CRUZADAS: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DO *SER E ESTAR* TRAVESTI.

Luís Antonio Bitante Fernandes; Rodolfo Bernardo Pinheiro Lôbo

Universidade Federal de Mato Grosso; bitante67@hotmail.com; therodolfo.lobo@gmail.com

Resumo:

Expressando-se de formas diversas, por vezes aparentemente independentes, as identidades se inter cruzam nos espaços de afirmação de suas existências. O *Ser* e o *Estar* travesti muitas das vezes se confrontam nas contradições de seus discursos construtivos de suas existências. Este trabalho tem como foco a análise do *Ser* e *Estar* de uma travesti, tomando-se como base a desconstrução dos sujeitos que ela constrói nas existências de seu *Ser* e do seu *Estar*. Vale ressaltar que a pesquisa de campo se deu na cidade de Barra do Garças interior do Mato Grosso. A espacialização geográfica se impõe na elaboração das identidades que constituem os sujeitos. O gênero interpelado pela espacialização e pelas sexualidades existentes faz do *Ser* um sujeito em constante conflito com o *Estar*, ora feminino, ora masculino. Desta forma a desconstrução do *Ser* se dá pela discursividade na necessidade de afirmação do *Estar* masculinos nos espaços heteronormativos. As identidades são construídas, de acordo com Butler, no interior da linguagem e do discurso e, que segundo Foucault, uma investigação genealógica da constituição do sujeito supõe que sexo e gênero são efeitos, e não causas, de instituições, discursos e práticas. A discursividade demonstra que os significados são organizados por meio de diferenças em uma dinâmica de presença e ausência, ou seja, o que aparece estar fora de um sistema, já está dentro dele e o que parece natural é histórico. Assim, utilizaremos de um procedimento analítico que mostra o implícito dentro de uma oposição binária – desconstrução; mostrar é explicitar o jogo entre a presença e a ausência, a ideia de performatividade.

Palavra Chaves: Identidades. Gênero, Sexualidade

Introdução.

O presente artigo tem como objetivo explorar as ambigüidades na construção discursiva de identidades de uma travesti, sujeito de pesquisa, que faz de sua percepção e afirmação enquanto sujeitos, possuidores de gênero, algo que transita entre a negação de seu corpo masculino e, ao mesmo tempo, o uso desse corpo como sistema de autoproteção identitária, isto é, *Ser* travestis e *Estar* homem.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Como parte de um projeto de pesquisa, “Identidades Possíveis: uma análise da perspectiva de gênero e sexualidade”¹, que vem sendo desenvolvido em Barra do Garças, uma cidade localizada no interior do estado de Mato Grosso, este recorte trás, por um lado, elementos significativos no que concerne a caráter de regionalidade enquanto localização dos sujeito envolvido na pesquisa, em que sofre determinações de espacialização que os impõe na elaboração de suas identidades enquanto constituintes de sujeitos. Por outro, a possibilidade de compreendermos como as discursividades desse sujeito está carregada de vivências marcadas tanto por esse caráter regional de preconceitos arraigados na tradicionalidade de uma cidade interiorana, bem como nas suas experiências.

O projeto nasceu da necessidade de compreendermos as vivências das travestis a partir da interiorização de suas representações identitárias e de como o poder público local, elabora as condições, ou não, para que estas possam se inserir no cotidiano da cidade. Numa primeira etapa de desenvolvimento da pesquisa, ouvimos duas travestis, utilizando-se da técnica de História de Vida, que relataram suas experiências e percepções de sentimentos em corpos estranhos e aqui utilizaremos o relato de apenas uma – M.. Como veremos a diante, M. é uma trabalhadora que foi incorporada ao sistema de trabalho formal, fazendo que ela ocupe um espaço socialmente permitido, com certa visibilidade e aceitabilidade pela sociedade.

Neste debate, utilizaremos de um embasamento teórico situado na percepção da categoria Gênero como um instrumento analítico e que sempre esteve centralmente preocupado na compreensão das relações de poder. Localizada em um contexto do qual a categoria transitou entre várias definições e perspectivas, como do estruturalismo ao pós-estruturalismo até chegarmos a teoria *queer*. Assim, para darmos conta de compreender a discursividade na percepção e afirmação das identidades travestis dos sujeitos de nossa pesquisa, não é possível abandonar as contribuições da própria elaboração do Gênero enquanto categoria, já que ela é inerente a percepção das identidades e dos vários estágios que ela seguiu até chegarmos ao que é na contemporaneidade.

Metodologia.

¹ Projeto cadastro na UFMT com apoio do CNPq (Edital Universal 2014) e FAPEMAT (Edital Universal 2014)



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A Sociedade Moderna é marcada por um conjunto de elementos que fez dela um projeto de sociedade com lugares definidos. No exame das profundas mudanças que afetam mulheres e homens em suas condições de seres humanos, pesquisadores crêem que as transformações econômicas e sociais estão provocando uma “crise” de identidades (HALL, 2002), sejam estas identidades heteronormatizadas ou subversivas. A segurança anteriormente conquistada está, hoje, minada por uma multiplicidade de força.

Nesta proposta, utilizaremos quatro categorias de análise que darão sustentação as nossas discussões - *gênero, sexualidade, identidades e travestilidade*. A categoria de Gênero, como pilar desta discussão e como campo de estudo teórico e histórico, será o elemento de fundamentação na compreensão das identidades de gênero e identidades sociais. Joan Scott e Judith Butler, entre outras(os) estudiosas(os) e devido a suas contribuições no campo da pesquisa, são as escolhidas para fomentar este debate acerca do gênero.

A primeira traz reflexões importantes de como, “compreender a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado histórico” (Scott, 1990; p.5). A historiadora, assumidamente pós-estruturalista, retoma o método de desconstrução do francês Jacques Derrida e busca, de fato, desconstruir vícios do pensamento ocidental, como a oposição tida como universal e atemporal entre homem e mulher (Piscitelli, 2002). Scott, influenciada por Michel Foucault, entende o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. E, havendo uma relação inseparável entre saber e poder, gênero estaria imbricado a relações de poder, sendo, nas suas palavras, uma primeira forma de dar sentido a estas relações.

Juntando esses referenciais, Scott conclui que gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual. Scott não nega que existem diferenças entre os corpos sexuados. O que interessa a ela são as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dando sentido para essas e, conseqüentemente, posicionando-as dentro de relações hierárquicas.

São símbolos e significados construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, utilizados para a compreensão de todo o universo observado, incluindo as relações sociais e, mais precisamente, as relações entre homens e mulheres. Temos, portanto, a tal utilidade analítica de gênero: a possibilidade de nos aprofundar nos sentidos construídos sobre os gêneros masculino e feminino, transformando “homens” e “mulheres” em perguntas, e não em categorias fixas, dadas de antemão.

Butler (2003), enquanto debate, propõe uma problematização do gênero passando por uma desconstrução do mesmo para um aprofundamento das relações acerca dos gêneros na contemporaneidade.

A autora partilha de certos referenciais foucaultianos e se pergunta se o “sexo” teria uma história ou se é uma estrutura dada, isenta de questionamentos em vista de sua indiscutível materialidade. Butler discorda da ideia de que só poderíamos fazer teoria social sobre o gênero, enquanto o sexo pertenceria ao corpo e à natureza.

Fazendo uma manobra semelhante à Joan Scott, Butler pretende historicizar o corpo e o sexo, dissolvendo a dicotomia sexo x gênero, que fornece às feministas possibilidades limitadas de problematização da “natureza biológica” de homens e de mulheres. Para Butler, em nossa sociedade estamos diante de uma “ordem compulsória” que exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais.

Em outras palavras: a criança está na barriga da mãe; se tiver pênis, é um menino, o qual será condicionado a sentir atração por meninas. Para dar um fim a essa lógica que tende à reprodução, Butler destaca a necessidade de subverter a ordem compulsória, desmontando a obrigatoriedade entre sexo, gênero e desejo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Assim, para a filósofa, o conceito de gênero cabe à legitimação dessa ordem, na medida em que seria um instrumento expresso principalmente pela cultura e pelo discurso que inscreve o sexo e as diferenças sexuais fora do campo do social, isto é, o gênero aprisiona o sexo em uma natureza inalcançável à nossa crítica e desconstrução.

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, [...] tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. (Butler, 2003, p.25)

Dessa forma, o papel do gênero seria produzir a falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem como todas as oposições binárias do pensamento ocidental: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino, pênis x vagina etc. É todo um discurso que leva à manutenção da tal ordem compulsória.

E como se daria essa manutenção? Pela repetição de atos, gestos e signos, do âmbito cultural, que reforçariam a construção dos corpos masculinos e femininos tais como nós os vemos atualmente. Trata-se, portanto, de uma questão de *performatividade*. Para Butler, gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados (Piscitelli, 2002).

Exatamente por isso, Butler tem se tornado uma unanimidade nos estudos de transexuais e travestis: o que são esses grupos senão a subversão de uma ordem estabelecida? O que significa sua ousadia (a qual não exclui uma esfera de sofrimento e marginalização) senão uma performatividade no sentido de ‘chacoalhar’ a coerência compulsória? Ao mesmo tempo, o quanto a performatividade de uma travesti nos mostra que, no fundo, também somos performativos, de que não existe uma natureza masculina em minha pessoa para além dos atos, gestos e signos que reproduzo?

Michel Foucault, com estudos sobre a sexualidade, surge como uma contribuição analítica na compreensão dos poderes de controle social que são exercidos utilizando-se de um saber, que remete à análise dos mecanismos de poder, de sua especificidade, de suas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

técnicas e táticas que são demonstradas nas malhas mais finas das redes de poder (Foucault, 1979). Mais do que isto, Foucault será como um divisor de águas para o movimento feminista, mostrando como a sexualidade é um importante mecanismo de análise da compreensão do sujeito. Sendo ele um dos interlocutores de Scott e Butler, seu pensamento será uns dos instrumentais de análise norteadoras das discussões e reflexões, na busca de uma compreensão dos novos fatores sociais que podem levar à formação de novas identidades ou reafirmação da identidade masculina hegemônica.

Primeiramente, para Foucault, e deixemos claro que o autor rechaça a *hipótese repressiva* do sexo, a colocação do sexo em discurso é uma estratégia do biopoder com o surgimento da “população” — e todas as suas variantes: natalidade, fecundidade, expectativa de vida etc. — pela qual se pode calculá-la nesses mesmos termos. Para alguns pesquisadores poderia parecer que falar sobre o “sexo” se tornou cada vez mais regulado, e, de fato, mas isso não sugere a repressão do próprio assunto “sexo” como alguns se sentem atraídos a afirmar. Há o outro lado e pelo qual a crítica de Foucault é extremamente valiosa: a do discurso. Para o autor, houve uma verdadeira explosão discursiva sobre o sexo, centrando-o justamente como a sexualidade na moderna forma de governar, a do biopoder: dispositivos pelos quais as pessoas foram obrigadas a falar sobre sexo, tudo o que faziam dele, como lidavam com ele — assim, não houve uma repressão, mas uma nova maneira de falar e lidar com ele, justamente em nome desse regime.

Dessa forma, o “silêncio” sobre sexo é para Foucault extremamente valioso e não repressivo, porque para ele, o mutismo sempre é múltiplo e integra as estratégias que apóiam e atravessam o discurso: não se parou de falar sobre o sexo, pelo contrário, se continuou a falar dele — e mais — de outra forma, valorizando-o e fazendo dele um segredo. Essa proliferação dos discursos, ele nos ressalta, não é simplesmente um fenômeno quantitativo, mas a forma pela qual o sexo e a sexualidade podem ser reguladas, já que como problemas econômicos e políticos, segundo Foucault, “é preciso analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas” (1988, p. 28).

Nessa sociedade — a sociedade soberana/disciplinária — o biopoder é o que possibilita, o cálculo técnico da vida em termos de população, saúde e interesse nacional, entre os quais o sexo e a sexualidade são controlados em nome do capitalismo disciplinário — o próprio Foucault nos escreve que existe uma polícia do sexo pela qual o sexo é regulado por meios de discursos úteis e públicos. Assim, o sexo e a sexualidade, como nos alerta a autora em sua leitura de Foucault, são potentes ficções somáticas (*performativas*) que vão obcecar o Ocidente a partir do século XIX, construindo toda ação teórica, científica e política contemporânea.

Nesse sentido, essa estratégica proliferação discursiva é o que permite mesmo a regulamentação do sexo; conforme Foucault:

anexou-se a irregularidade sexual à doença mental; a infância à velhice foi definida uma norma do desenvolvimento sexual e cuidadosamente caracterizados todos os desvios possíveis; organizaram-se controles pedagógicos e tratamentos médicos; em torno das mínimas fantasias, os moralistas e, também e sobretudo, os médicos, trouxeram à baila todo o vocabulário enfático de abominação”. (1988, p. 37)

Assim, através dessa proliferação discursiva sobre o sexo, com uma dispersão das sexualidades, se buscava assegurar institucionalmente o povoamento e uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora.

A terceira linha teórica de análise tem como base os estudos multiculturais, que definem a identidade na contemporaneidade como algo que se liquefaz e que, portanto, nos leva a pensar em múltiplas identidades. Stuart Hall (2002) propõe um olhar para a construção das identidades vista pelo reconhecimento da diferença e, necessariamente, no reconhecimento do outro.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nesta perspectiva de compreender os sujeitos como possuidores de uma identidade ou de identidades, é que a categoria gênero e sexualidade abrem as possibilidades de entendermos como a dignidade da pessoa humana – quarta categoria analítica – são devastadas pela sociedade da condição dos sujeitos em questão.

Esta proposta de trabalho de investigação procura compreender as mazelas causadas pelo mal-estar da (re)construção da masculinidade, da feminilidade e das homoafetividades, tanto no plano discursivo como no plano das representações sociais e que, portanto, colocam os homens e mulheres em processo relacional com perspectivas diferentes das distintas encontradas na modernidade.

Resultados e Discussão

Neste tópico, selecionamos alguns recortes de fala de nosso sujeito de pesquisa que se identificam com o *Ser e Estar* travesti e que fazem com que as identidades se cruzam e, muitas das vezes se imbricam em processos de subjetivação do próprio sujeito.

A escolha neste trabalho refere-se aos dados dos depoimentos de M.A.², nosso sujeito de pesquisa, que ao aceitar em participar de nossa pesquisa, se apresentou como M.A., isto é, um sujeito do qual a identidade de gênero predominante, naquele contexto, é masculino. Sua necessidade de afirmação enquanto profissional, do qual acredita ser cobrado e, por consequência, se cobra por isso, gira entorno de um auto identificação com as características de constituição da masculinidade.

- *“Olá, eu sou o M. A., sejam bem-vindo...vocês viram como tenho que lidar com essas crianças...tenho que ter pulso firme, e eles me respeitam...”*

A fala acima mostra um dos marcadores discursivo que fazem referência ao universo masculino na percepção de M.A.. Ter “pulso firme” é a forma pela qual ele imagina ser necessário para que seja respeitado enquanto profissional. O ser respeitado, no entendimento

² Utilizamos, na fala de nosso sujeito de pesquisa, as iniciais de seu nome para preservarmos a sua identificação.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Não estou no meu profissional, que sou, né. Porque durante o dia eu não vou andar de vestido, eu não quero vestido, eu não gosto. Eu quero trabalhar, me sentir mais à vontade. Mas, por exemplo à noite, quando você me ver à vontade dentro da minha personalidade, do meu eu, da trans que sou, você pode me ver de vestido, pode me ver de short, de brinco.

Nessa ausência em que se incomoda com o corpo, há no discurso elementos que se contrapõe e demonstram o carácter compulsório e violento da norma de modelos socialmente impostos. Ela inicia se aceitando como possuidora de um gênero que socialmente não condiz com seu corpo biológico – “Eu sou uma mulher natural (...), aí eu estou na minha pessoa” – passa pela negação – “(..) durante o dia eu não vou andar de vestido, eu não quero vestido, eu não gosto. Eu quero trabalhar, me sentir mais à vontade” – e retorna para seu imaginário performático – “(...) à noite, quando você me ver à vontade dentro de minha personalidade, do meu eu, da trans que sou, você pode me ver se vestido, pode me ver de short, de brinco.”.

-Barba eu gostaria de ter. Começa a nascer e cai tudo. Eu gostaria de ter. Olha como eu gostaria de ter pêlos. Assim por exemplo, você. Olha pra minha perna, eu gostaria de ter pêlos. Infelizmente, não tenho. Pênis, meu filho, eu sou muito satisfeito com os vinte e quatro centímetros e sete milímetros que tenho porque é mais uma coisa que me mostra que estou na transexualidade. Eu não sou mulher, estou na transexualidade, e é assim que tenho que ficar para que me respeitem como sou, não como mulher.

Logo acima M.A. retoma seu lado masculino fazendo referência a vários aspectos que marcam a construção da masculinidade hegemônica. Refere-se a barba como um desejo de possuir, exalta a satisfação em ter um pênis com tamanho acima dos padrões normais, o que mostra a importância de seu lado masculino enquanto parte de afirmação profissional. Conclui essa fala dizendo que está na *transexualidade*, pois é mulher “e é assim que tenho que ficar para que me respeitem como sou, não como mulher”.

Conclusão

Tanto o Ser como o Estar de M. ou M.A, navegam numa insegurança instituída pelas tramas das redes sociais que se introjetam e se projetam no conflito existente entre os sujeitos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que se completam. Observa-se que, mesmo em momentos inconsciente, ou até mesmo em momentos de plena consciência, no discurso há a presença de um poder disciplinador, que normatizam as ações de M.A. e que são desconstruídas nas ações de M., explicitando as normas e as convenções culturais que o constitui enquanto sujeito.

Ao concordarmos que o poder, segundo Foucault (1987), tem um lugar significativo na analítica do poder, percebemos que no discurso de M.A. está comprometido com uma estrutura de poder que desorganiza as concepções convencionais, que usualmente remetem à centralidade e a posse do poder (LOURO, 1997).

Concluimos que M. e M.A. são sujeitos de um mesmo sujeito, e que isto só é permitido quando M.A. interpela seu corpo demonstrando que seu sexo não estão simples e naturalmente “aí”, mas que há toda uma performatividade que a constitui, ora em M.A., macho que se impõe, ora em M. fêmea que goza dos prazeres da “carne”.

Referência Bibliográfica

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Trad.: Sérgio Milliet, 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. vol.1 – “Fatos e mitos”; vol.2 – “A experiência vivida”.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. “Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo”. In: *Cadernos Pagu* (11) 1988, PP. 11-42.

CONNELL, R. W. “Políticas da Masculinidade”. In: *Revista Educação e Realidade*, 20(2): julho-dezembro de 1985, pp. 185-206.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 9ªed.São Paulo: Edições Loyola, 2003.

_____. **As palavras e as Coisas**. 8ªed.São Paulo: Martins Fontes, 2002a

_____. **História da Sexualidade**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. (Vol.1)

_____. **Microfísica do Poder**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Vigiar e Punir**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002c.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HEILBORN, Maria Luiza. “Entre as tramas da sexualidade brasileira”. In: Estudos Feministas. Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.

_____. **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. RJ: Zahar, 1999.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. (org.). **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica: 2001.

_____. “Teoria Queer – uma política pós-identitária para a educação”. In: Revista de Estudos Feministas, ano 9, 2º semestre/2001.

MISKOLCI, Richard. “Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência”. Revista de Estudos Feministas, 14(3): 681-693, 2006.

_____. “O armário ampliado – notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet”. In: Revista Gênero, Niterói – RJ, v.9, n 2, pp 171-190, 1. Sem. 2009.

PISCITELLI, A. G. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v. 19, p. 195-233, 2002.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Revista Educação e Realidade. V.16, nº2, jul/dez 1990. pp. 5-22.

_____. “‘La querelle des femmes’ no final do século XX”. In: Revista de Estudos Feministas, ano 9, 2º semestre de 2001.